

# jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO  
Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900  
São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO  
Telex 011.23511 — Fax 265-2297



JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

## Diretor Responsável

RUY MESQUITA

## Diretores

Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

## Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

## Diretor Executivo

Fernando L. Mitre

## Editor Chefe

Celso Kinjô

## Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

## Diretor Comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

## Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

## A Pátria ainda sem salvação

O presidente Itamar Franco continua iludido. A julgar pelo que vai fazendo, parece que ele pensava que a Nação estava mostrando o nervosismo que se refletia no comportamento do mercado financeiro porque ele não tinha, ainda, apresentado o seu plano econômico. Na verdade, o que estava acontecendo era precisamente o contrário: a Nação se debatia em estertores justamente porque o sr. Itamar Franco estava decidido a apresentar outro plano econômico no lugar daquele que foi eleito por 35 milhões de votos, e que era baseado num esforço pela rápida modernização do Estado e da economia brasileiros, fora do qual não há salvação. Agora que já se sabe que o programa de modernizações está morto, não se esperam mais sobressaltos. Apenas a lenta e penosa colheita de consequências...

Assim, não se esperava mesmo a salvação da Pátria a partir da apresentação do Plano Itamar. E não deu outra. Ele é apenas a confirmação, em termos bastante primários, dos pendores populistas (leia-se inflacionários) anteriormente revelados por sua excelência e, nas entrelinhas, também do caráter prudente do seu ministro econômico remanescente. A primeira impressão que se tem quando se lêem os enunciados do "Programa Econômico e Social" divulgado neste último fim de semana é a de que o ministro Paulo Haddad teve que usar toda a sua criatividade para juntar na mesma receita aquilo que ele próprio pensa com as muitas baboseiras que lhe vêm assoprando nos ouvidos os compadres de Juiz de Fora "entendidos" em economia mais chegados ao presidente. O resultado é um prato cheio de uma mistura insossa que especialista nenhum ousaria recomendar, feito à base de declarações de intenção cuja principal preocupação foi — mais do que a de fixar as bases de uma política econômica eficiente e corajosa — a de não desagradar o chefe.

O programa, mesmo assim, contém algumas revelações inquietantes: uma delas é a de que o falido governo de Itamar Franco dispõe de nada menos que US\$ 4 bilhões para despejar nas suas "obras sociais", na abertura de estradas e na construção de casas populares. Só o programa de habitações populares vai consumir US\$ 2,5 bilhões (e, em contrapartida — garante o plano, para quem quiser acreditar — dar emprego a um milhão de desempregados).

Como é fato público e notório que o caixa do Tesouro continua esburacado, temos que concluir que o governo pretende abastecer-se desses US\$ 4 bilhões junto ao setor privado, exatamente o setor que mais produz e mais cria empregos e que só não faz mais porque já está dramaticamente onerado por uma carga tributária insuportável, injusta e iníqua. Quer dizer, para dar sequência à promessa de vestir e dar emprego a esse milhão de desempregados, o governo, que nunca demonstrou nem um centésimo da eficiência da iniciativa privada na criação de empregos e na reprodução de riquezas, terá que desvestir e desempregar um número ainda desconhecido de assalariados atual-

mente empregados no único setor da economia que produz e reproduz riquezas. Como das outras vezes, portanto, estamos diante de mais um daqueles péssimos negócios que os políticos costumam impor à Nação. Desta vez, o propósito é o de apaziguar o atormentado espírito social do nosso presidente em exercício. Mas, muito provavelmente, a manobra só servirá para aguçar ainda mais o espírito social do próximo presidente que certamente ganhará, por conta desta "troca" de investimentos e investidores, mais algumas centenas de milhares de desempregados com que se comover, até o fim do mandato de Itamar...

O outro ponto inquietante do mais novo plano econômico que nos cai sobre a cabeça não é propriamente novidade. Apenas confirma o que já se sabia: o presidente Itamar Franco irá mesmo fazer política social à custa das tarifas públicas e, portanto, à custa da ampliação do déficit público. Há algumas semanas foi noticiado que, sem se importar com o impacto dessa generosidade sobre o orçamento das concessionárias de energia elétrica do Norte e do Nordeste do País, o presidente de Juiz de Fora decidiu isentar as populações carentes do pagamento da energia elétrica até o consumo mensal de 30 kilowatts/hora. O novo programa econômico não só sacramenta como procura universalizar essa política segundo a qual as tarifas públicas devem ser proporcionais à capacidade de pagamento de cada usuário. Assim, aqueles que hoje não têm o que comer, vítimas de aventuras semelhantes feitas no passado, poderão cozinhar os calangos que conseguirem caçar com gás subsidiado e contar isso aos seus amigos e parentes por carta ou por telefone, também subsidiados, o que, sem dúvida, é uma medida "social" bastante imaginativa, de grande alcance e que revela o descortino e o tirocinio do seu autor...

Com isso o governo Itamar Franco está tentando colocar em prática um dos velhos princípios do socialismo utópico que transformaram o socialismo real no pesadelo do qual Mikhail Gorbatchov libertou boa parcela da Humanidade: "De cada um segundo a sua capacidade; a cada um segundo a sua necessidade".

Não há dúvida de que o prato a que aludimos é um exercício de malabarismo econômico inviável em qualquer prazo que se queira aplicá-lo.

Resta torcer para que, uma vez libertado dos maus fluidos emanados do retrato da temida "Rebeca" que ainda olha para suas costas da parede do gabinete presidencial, o presidente Itamar seja iluminado pelo anjo da guarda do Brasil — como Collor foi poucos meses antes de cair —, desista de ser ele o ministro da Economia e abra os ouvidos ao menos para aqueles entre os seus ministros em condições de ostentar mais credenciais do que as da velha amizade e conterraneidade, aceitando deles um verdadeiro plano de combate à inflação e ao déficit público parecido com aqueles que eles têm tentado lhe sugerir. Sem isso, não haverá redenção da miséria que tanto o preocupa.